

Proposição artística: *work in progress*, *Inhamor*, com Thereza Helena (MT)

Crítica em processo

Por Beth Néspoli

Mais o capitalismo destrói, mais cria e coloca à venda produtos que prometem suprir os vazios deixados por sua ação devastadora. Isso se dá com a narração de histórias e o preparo e consumo dos alimentos, ritos basilares de todo grupamento social humano desde os tempos mais remotos, ambos em extinção no território urbano. Não por acaso, proliferam os programas televisivos de gastronomia (com suas cozinhas assépticas, gestos coreografados, utensílios e ingredientes cuidadosamente alinhados num ambiente vazio de afetos), assim como os contadores de histórias profissionais, desvinculados e eventuais.

O interesse do espetáculo *Inhamor*, solo de Thereza Helena apresentado na programação da Aldeia Guaná, no Sesc-Arsenal, em Cuiabá (MT), está no modo como a atriz toma esses dois rituais ancestrais – a reunião em torno do alimento e a transmissão oral de experiências – e os une de modo a problematizar padrões de comportamento relacionados a ausência desses afetos.

Falando diretamente com os doze espectadores sentados em torno de uma mesa, ela prepara um pão ao mesmo tempo em que conta uma história. Nessa lida, ora compartilha conhecimento sobre os ingredientes usados, ora faz de um tubérculo objeto cênico para a teatralização do caso narrado.

A organização do espaço cênico aliada ao modo de atuação performativo – sem máscaras, personagens ou personas – remete o espectador às reuniões fraternais provocando um deslocamento de percepção. É como se o participante estivesse entre amigos e não em um encontro teatral contemporâneo que guarda poucos rastros dos ritos comunitários originários dessa arte. O número doze, o mesmo dos apóstolos cristãos, não deve ser mera coincidência, mas sim fruto de escolha pensada para agir sobre a memória coletiva.

Fosse só a união desses dois ritos e o espetáculo poderia ser apenas vivência teatral agradável. Porém a narrativa escolhida tem como protagonista uma mulher que passa as férias reclusa diante da TV enquanto todos vão ao mar. Falta a ela coragem para exhibir o corpo cujas medidas não se enquadram no padrão de beleza da contemporaneidade. Quando finalmente o faz, viverá uma experiência de convívio transformadora.

No início do século passado o filósofo Walter Benjamin, em seu ensaio *O narrador*, já comentava sobre a importância dessas figuras de saber que tecem suas narrativas com os fios da tradição (camponeses) ou da aventura (viajantes). Ambos compartilham experiências e são importantes agentes fortalecedores dos elos entre memória e transformação nas mais diferentes organizações sociais.

No mesmo artigo, porém, Benjamin argumenta sobre o possível desaparecimento dos narradores na modernidade devido ao empobrecimento das experiências – no sentido do acontecimento que atravessa o ego e atinge o *self*, a camada mais profunda da psique, onde residem os conteúdos do inconsciente coletivo e onde a memória involuntária pode ser ativada.

Potencialmente, a trama escolhida, pode mobilizar no espectador o pensamento crítico sobre a relevância de dar tempo ao tempo, outro ato em extinção na aceleração urbana. Tempo necessário à massa para se transformar em alimento, para que a simples reunião de pessoas se torne grupo vinculado por interesses comuns.

Thereza Helena parece ter unido todos os ingredientes para fazer de *Inhamor* uma experiência se não contundente, não é a ideia, co-movente – no sentido de mobilizar o olhar crítico daquele pequeno coletivo para os vazios de afeto de nosso tempo. Porém, salvo engano, para atingir tal objetivo também no trabalho parece haver alguma falta, talvez provocada pelo excesso de delicadeza que perpassa todas as ações. É como se a massa não fosse sovada com a força necessária, para ficar na metáfora culinária.

Poderia ser produtiva à poética proposta pela atriz uma aproximação ainda mais radical à experiência do preparo cotidiano do alimento familiar que exige a vitalidade do corpo, aquela capaz de quebrar, cortar, queimar. Talvez uma cozinha com mais marcas de uso aparente e/ou o acréscimo ao modo de narrar de uma pitada mais forte daquele vigor que provoca altos e baixos na voz e até mesmo interrupções fora de lugar.

Sem perder de vista o simbólico e a teatralização, um afastamento ainda mais intenso da estetização característica dos programas gastronômicos poderia contribuir para ampliar o potencial crítico de *Inhamor*.

- *Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*